

FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA O ATENDIMENTO ADEQUADO À DIVERSIDADE DIALETAL NO BRASIL

Samire de Sousa Bezerra ¹Ludmila Santos Andrade ²

RESUMO

Este estudo se propõe a realizar uma investigação sobre a formação de professores no Brasil e de que modo a preparação dos educadores para atuarem no cenário escolar brasileiro, caracterizado por sua rica diversidade de dialetos e variedades linguísticas os prepara para o combate ao preconceito linguístico. A pesquisa explora as abordagens teóricas, as referências bibliográficas utilizadas nas disciplinas da graduação e como os licenciandos em Letras estão sendo formados linguisticamente para atenderem adequadamente a diversidade dialetal no Brasil. Para isso, será realizada uma pesquisa de revisão bibliográfica abrangendo ementas de diferentes cursos de Letras das cinco regiões do nosso país, além de análise de documentos oficiais que orientam o ensino de Língua Portuguesa no país, e a leitura de artigos científicos e livros que abordam o assunto e são representativos nos estudos da sociolinguística no Brasil. A pesquisa busca destacar a importância de uma formação docente que capacite os professores a reconhecer e lidar adequadamente com a variação linguística como um fenômeno natural e legítimo da língua, para assim desconstruir preconceitos linguísticos promover uma educação que valorize a identidade linguística de cada aluno. A justificativa para este estudo reside na relevância do tema no contexto brasileiro, marcado pela pluralidade linguística e pela necessidade de uma formação de professores que promovam a igualdade e o respeito à diversidade linguística. A pesquisa conclui que a formação de professores para o tratamento adequado da diversidade dialetal é fundamental para construção de uma sociedade mais inclusiva e democrática, em que todas as formas de falar sejam respeitadas diante da diversidade linguística no Brasil.

Palavras-chave: Formação de professores, Diversidade dialetal, Sociolinguística, Prática pedagógica, Variação linguística.

INTRODUÇÃO

O Brasil, com sua vasta extensão territorial e sua história, é um país de profundas diversidades, e o português aqui falado se evidencia essas diferenças que se manifestam por questões regionais, históricas ou sociais por meio de sotaques, dialetos e formas de expressão que refletem a sua pluralidade cultural. No entanto, essa diversidade que deveria ser celebrada, no campo dialetal é frequentemente alvo de preconceito linguístico. Essa realidade complexa, também se manifesta de forma contundente no ambiente escolar. As diferentes regiões, classes sociais e grupos étnicos participam da formação e evolução do português falado em nosso país,

¹Graduanda do Curso de Letras – Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Piauí – Campus Senador Helvídio Nunes de Barros UFPI/CSHNB, samirebzrr21@gmail.com.

²Professora Adjunta na Universidade Federal do Piauí do Curso de Letras – Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Piauí – Campus Senador Helvídio Nunes de Barros UFPI/CSHNB, ludmila.andrade@ufpi.edu.br



contribuindo para que haja uma riqueza de sotaques, dialetos e variedades que embora legítimas, são muitas vezes alvo de preconceito linguístico. Essa realidade complexa, que se manifesta cotidianamente no ambiente escolar, exige uma formação docente que não apenas prepare o futuro educador para ensinar a norma padrão, mas que também o capacite a lidar com o ensino de modo a desconstruir hierarquias linguísticas e questionar juízos de valor sobre o uso da língua.

Este artigo se propõe a investigar como a formação de professores no Brasil, especificamente nos cursos de Letras – Português, prepara os licenciandos para lidar com essa diversidade e para atuar de forma a combater o preconceito linguístico em sala de aula. A pesquisa, de cunho bibliográfico e documental, busca compreender as abordagens teóricas e as referências utilizadas nas disciplinas da graduação para formar os educadores para atuarem em cenários, ambientes e culturas diferentes. A justificativa para este estudo reside na relevância do tema no contexto educacional brasileiro, na qual a valorização da identidade linguística do aluno é um passo para a construção de uma educação mais ética, inclusiva e democrática. A análise dos dados revela que, embora a Sociolinguística esteja presente em grande parte dos currículos de Letras, o tema é frequentemente tratado de forma isolada, o que pode não ser suficiente para desconstruir a visão normativa da língua enraizada em outras disciplinas. Discutimos, portanto, que a formação docente deve considerar os contextos para além da sala de aula, integrando a sociolinguística não como uma disciplina opcional, mas como um princípio orientador de toda a prática docente. O trabalho do professor deve apontar a língua como uma ciência a ser estudada e que a variedade linguística é uma diversidade a ser explorada e pesquisada, e não um “erro” a ser corrigido.

REFERENCIAL TEÓRICO

De acordo com Bagno (2015) assim como não existe uma sociedade homogênea também não é possível existir nenhuma língua monolítica ou homogênea, de acordo com o autor desde os primeiros gregos que se debruçaram sobre o estudo da linguagem no Ocidente, foi possível perceber a existência das variações linguísticas e consequentemente relacionar essas mudanças na língua aos aspectos culturais, históricos, sociais, regionais e até mesmo individuais.

É importante ressaltar que é a partir da década de 1960 que os estudos linguísticos passaram a considerar o contexto de construção, evolução e mudanças da língua e isso em uma perspectiva que focalizava seu uso efetivo em situações de comunicação real. Portanto a partir da década de 1960 estavam lançadas as bases para um novo paradigma



de análise dos fatos linguísticos, o que refletiu também nas mudanças em relação à noção de erro em relação à concepção sobre língua, e consequentemente ao apontamento do preconceito linguístico.

A compreensão de que a língua é um fenômeno social e não um sistema monolítico é o ponto de partida para o questionar, refutar e compreender o preconceito linguístico. William Labov, um dos fundadores da sociolinguística, foi pioneiro ao demonstrar que a variação linguística é um fenômeno natural e sistemático, que muda de acordo com a comunidade, desmentindo a ideia de que certas formas de falar são “erradas” ou “inferiores”.

Dar vida ao preconceito linguístico é julgar falantes ou grupos inteiros em uma comunidade pelas formas linguísticas que empregam (e essas formas geralmente são as que se afastam do padrão). O argumento é que há, em uma língua, construções corretas e incorretas, melhores e piores, e que os falantes que “erram” em suas escolhas ao falar e ao escrever são, consequentemente, também imperfeitos, pessoas que ou desprezam ou que têm dificuldade em atingir o nível em que só se empregam as construções aceitáveis/corretas. A aceitação dessa ideia, e da noção de erro no uso linguístico que está por trás dela, autoriza a exclusão social gerada pelo preconceito linguístico. (Coelho et al., 2012, p. 35)

A ideia central é que a crença em “formas corretas” e “incorretas” na linguagem leva a um julgamento sobre a pessoa. Assim, quem “errou” na fala é visto como imperfeito ou desleixado. Essa visão, que associa o uso da língua a um valor moral, é a base para a exclusão social. Ao legitimar a noção de “erro” linguístico, o preconceito cria barreiras e justifica a discriminação.

No Brasil, a obra de Marcos Bagno, *Preconceito Linguístico*, trouxe destaque para o debate público e educacional fundamentando as discussões nos estudos da sociolinguística para . Para Bagno (1999, p. 19):

[...] tratar da língua é tratar de um tema político”, já que também é tratar de seres humanos. Por isso, o leitor e a leitora não deverão se espantar com o tom marcadamente politizado de muitas de minhas afirmações neste livro. É proposital; aliás, é inevitável. Temos de fazer um grande esforço para não incorrer no erro milenar dos gramáticos tradicionalistas de estudar a língua como uma coisa morta.

Isso pressupõe que a língua não é apenas um código de comunicação neutro, mas um fenômeno vivo, que conta com uma estrutura que reflete, reproduz e, por vezes, desafia as dinâmicas de poder de uma sociedade. Nesse sentido, a língua é um instrumento em um campo de batalha simbólico, onde identidades, preconceitos e ideologias são



construídos. A forma como falamos, as palavras que escolhemos, as formas de falar e escrever que priorizamos – tudo isso está impregnado de implicações sociais e, portanto, políticas.

Metodologia

Este estudo se configura como uma pesquisa de revisão bibliográfica e análise documental. O trabalho metodológico foi dividido em três etapas:

Revisão Bibliográfica: Análise de artigos científicos, teses, dissertações e livros que abordam a sociolinguística no Brasil, com foco nos autores William Labov e Marcos Bagno. Em seguida a análise de ementas de cursos de Letras: Coleta e análise de ementas de universidades das cinco regiões do Brasil, buscando uma representatividade regional. Foram analisadas ementas de instituições como a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade de São Paulo (USP), Universidade de Brasília (UnB), Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Universidade Federal do Pará (UFPA).

O objetivo foi mapear a presença da disciplina de sociolinguística na grade curricular e a abordagem dada ao tema da variação linguística.

COELHO, Izete Lehmkuhl et al. **Para conhecer sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2012. 172 p.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**. 56ª ed. Revista e ampliada - São Paulo: Parábola Editorial, 1999.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS), Instituto de Letras. Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Letras. Porto Alegre, 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECONCAVO DA BAHIA. Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Letras. Cruz das Almas, BA: UFRB, 2019.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Informações Básicas do Currículo: Licenciatura – Habilitação Português. São Paulo: SP: USP, 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Grade Curricular – Matutino: Curso de Licenciatura em Língua Portuguesa. Belém, PA, 2025.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE BRASÍLIA. Projeto Pedagógico do Curso Superior de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa. Brasília, DF:IFB, 2016

